

# FLORES FUNESTAS

---

## A matilha

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,  
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,  
A matilha feroz persegue enfurecida,  
Allucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem ;  
Outro consulta o vento ; outro sorve a bafagem,  
O fresco, vivo odor, callido e penetrante,  
Que na rapida fuga a victima arquejante  
Vae deixando no ar, perfido e traiçoeiro ;  
Todos, num turbilhão phantastico, ligeiro,  
Ora, em vortice, aqui se agrupam, rodam, gyram,  
E cheios de furor phrenetico respiram ;  
Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos,  
Arrojam-se a correr.— Vão por trilhos diversos,  
Esbrazeando o olhar, dilatando as narinas.  
Transpõem num momento os valles e as collinas,  
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,  
Recruzam-se febris em direcções oppostas,  
Té que da presa, emfim, nos musculos cançados,  
Cravam, com avidez, os dentes afiados.

Não de outro modo,—assim, meus soffregos desejos,  
 Em mantilha voraz de allucinados beijos,  
 Percorrem-te o primor das languorosas linhas,  
 As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,  
 Frescas ondulações de fórmas fluorescentes  
 Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes:  
 O dorso avelludado, electrico, felino,  
 Que poreja um vapor aromatico e fino;  
 O cabello revolto em anneis perfumados,  
 Em fofos turbilhões, elasticos, pesados;  
 As fibrilhas subtis dos lindos braços brancos,  
 Feitos para apertar em nervosos arrancos;  
 A exacta correccão das azuladas veias  
 Que palpitam, de fogo intumecidas, cheias,  
 — Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,  
 Sonda, esquadrinha, explora e anhelante respira,  
 Até que, finalmente, embriagada, louca,  
 Vae encontrar a presa,— o gozo,— em tua boca.

### A Nuvem

Sulcas o ar de um rastro perfumoso,  
 Que os nervos me alvoroça e tantalisa,  
 Quando o teu corpo musical deslisa  
 Ao hymno de teu passo harmonioso.

A pressão do teu labio saboroso  
 Verte-me na alma um vinho que electriza,  
 Que os musculos me embebe, e os nectarisa,  
 E afrouxa-os, num deliquio languoroso.

E quando junto a mim passas, creança,  
 Revolta a crespa, luxuosa trança  
 Na espadoa, arfando em turbidos negrumes,

Naufraga-me a razão em sombra densa,  
 Como si houvera sobre mim suspensa  
 Uma nuvem de callidos perfumes.

**Passo matinal**

Hontem, pela manhã, do jardim atravez,  
Eu te escutava o passo, — o hymno de teus pés,  
Que, perfumando a relva e inebriando os trilhos,  
Como unicos signaes, deixavam os rastilhos  
De uma essencia subtil, de uma fragrancia rara,  
Que jamais perfumista em vidros encerrara ;  
Cheia de uma attracção violenta, secreta ;  
Doce como o vivaz extracto da violeta ;  
— Um incenso, a que a arte, apurando os seus meios,  
Aos vegetaes sondando os mysteriosos veios,  
Abrindo, interpretando as almas rescentes,  
Que enchem os corações das flores eloquentes,  
Jamais descobrirà . — E que magia acaso  
Pôde sorprehender, encarcerar num vaso,  
Esse fluido fugaz, fatuo, vivo, ideal,  
Da nuvem, que te envolve o corpo sem rival ?

Ao sentir-te passar, fundia-se a alvorada,  
Derretida em clarões radiosos, despenhada  
Em avalanges de ouro, em rios de carmim  
Sobre leitos azues ; — e atravez do setim  
Do nevoeiro molle, adelgaçado, escasso,  
Multiplicando a forma, a luz, ferindo o espaço,  
Rôta em fitas de fogo, em largas refracções,  
Brilhava, semelhando um bando de pavões,  
Que abrisse em vasto plaino as rodas cambiantes  
Dos leques festivaes das caudas deslumbrantes.  
Vacillavam, ao longe, as florestas em flôr,  
Ebrias de luz e sombra e confuso rumor.  
Gorgejavam, ao ver-te, os murmuros caminhos,  
Das folhas no bulir, na voz dos passarinhos.  
A natureza arfava em fremitos suaves.  
Sussurrava, brilhando, o azul, — florido de aves.

Tudo, em torno de nós, num extase suspenso,  
 Parecia sorver, num hausto longo, o incenso  
 Que exhalavas, passando, em callidos vapores.  
 Num espasmo de gosto, o espirito das flores,  
 Fremente, mal retinha o halito incendido.

—E então julguei ouvir, bem distinto, no ouvido,  
 Uma, que a todas mais sobreexcedia em graça,  
 Murmurejar: «Silencio ! é nossa irmã que passa !»

#### A voz

Enlanguece-te a voz sonora e rica  
 Um sympathico timbre insidioso,  
 Que em meu ouvido, em fremito nervoso,  
 O vario acórde grava e multiplica.

No sopro molle, tepido, me fica  
 Suspensa a alma, em pasmo deleitoso,  
 Como a ave do ninho harmonioso  
 Que a tua voz no halito edifica.

Quando lhe escuto a musica enervante,  
 Abate-me um torpor morbido, quente,  
 Que me intumece o sangue palpitante.

E' que ella exhala o fluido dissolvente  
 Do funesto elixir inebriante  
 Que te embalsama o rubro labio ardente.

#### A esphinge

Teus braços, quando me cinges,  
 Serpeiam com gestos tredos ;  
 Tu tens no todo os segredos  
 E os mysterios das esphinges.

Tuas pupilas alaga  
 Não sei que acerba ternura,  
 Cuja luz cruel me afaga,  
 Cujo afago me tortura.

Unge-te o seio moreno  
 Um perfume suffocante,  
 Suave como um calmante,  
 Morbido como um veneno.

Freme-te a alma fatal  
 No fragil corpo nervoso,  
 Como um philtro perigoso  
 Numa prisão de crystal.

Para estancar os desejos  
 Que teu sangue tantalism,  
 Teus labios prodigalisam  
 Dentadas por entre beijos.

Com sarcasmos me apunhalas ;  
 Depois as feridas crúas  
 Ameigas com a luz que exhalas  
 Dos teus olhos — negras luas.

Tua palavra me é dura,  
 Às vezes, pelo sentido,  
 E doce, pela brandura  
 Com que me trina no ouvido.

Ha uma alma que suspira  
 Em cada ponto do espaço  
 Quando caminhas : teu passo  
 Murmura como uma lyra.

Os teus lençóes apaixonas  
 Com a gentileza que apuras  
 Nas languorosas posturas  
 Em que o teu corpo abandonas.

Dos primores de que és feita  
A nenhum dou primazia :  
E' do conjunto a harmonia  
Que os meus sentidos sujeita.

E eu te amo, belleza fatua,  
Minha perpetua loucura,  
Como o verme a flôr mais pura,  
E o musgo a mais bella estatua !

THEOPHILo DIAS.